

PROGRAMA REDE DE SABERES UFMS/CPAQ
Acadêmico Indígena

GONÇALVES, Anderson da Silva¹; VARGAS, I. A. de². **Índios Terena da Aldeia Ipegue nas usinas de cana-de-açúcar**. 2009. Resultado Parcial de Pesquisa de Monografia. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana.

RESUMO EXPANDIDO

O presente trabalho relata parte de uma investigação em andamento, exigência para a conclusão do curso de Licenciatura em Geografia (CPAQ/UFMS), que tem por objetivo principal averiguar a relação de trabalho dos índios Terena da Aldeia Ipegue nas usinas de cana-de-açúcar. O enfoque é dado aos grupos de jovens índios do sexo masculino, com pouca escolaridade que encontram nesse tipo de trabalho sua única forma de reprodução social. A pesquisa pretende levantar as principais causas que induzem esses indígenas à desistência dos estudos, conduzindo-os ao trabalho braçal prematuramente, decaindo assim a qualidade de vida da população indígena. A pesquisa também visa levantar quais as perspectivas de emprego nas usinas de cana de açúcar, visto que até então, várias usinas que contratavam frequentemente trabalhadores indígenas para o corte de cana, hoje, com o avanço da tecnologia e implantação de máquinas, o trabalho humano vem sendo substituído. Assim, o processo de contratação de mão-de-obra indígena por parte dessas empresas tem diminuído de uma forma tão significativa que o número de jovens desempregados na Aldeia Ipegue vem aumentando. Este fato se caracteriza como uma preocupação para as lideranças indígenas e para esses jovens que, devido à saída prematura para o trabalho, não têm outra profissão e nem mesmo outra opção de trabalho remunerado.

A Aldeia Ipegue

A Aldeia Terena Ipegue está localizada no distrito de Taunay, município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Na aldeia encontra-se o Posto Indígena (PI) Ipegue. O acesso à aldeia é feito através de rodovia federal pavimentada que liga o distrito de Taunay às cidades de Aquidauana e de Miranda. De Taunay à aldeia são de 7 km de

¹ Acadêmico indígena matriculado no quarto ano do curso de Licenciatura em Geografia do CPAQ/UFMS.

² Professora do curso de Licenciatura em Geografia do CPAQ/UFMS e orientadora neste trabalho.

estrada não pavimentada. As localidades mais próximas do PI Ipegue são, portanto, Taunay 7km; Miranda 47km e Aquidauana 57km.

Conforme informações fornecidas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o Posto Indígena Ipegue situa-se sob as coordenadas: 20° 06'35" Lat. S e 56° 04'35" Long. W. A área total da aldeia é de 3.037 ha, demarcada entre os anos de 1913-1918. As terras foram tituladas através do Decreto N.834, de 14 de novembro de 1928, do governo do antigo Estado de Mato Grosso.

O solo predominante na área da aldeia é árido e pedregoso, entretanto, apresenta ocorrências de manchas agricultáveis. A maior parte da área é constituída de campos onde existem diversos córregos temporários. A flora faz parte do bioma cerrado e, por força da depredação através dos tempos está em processo de extinção. A fauna é constituída por pássaros e mamíferos de pequeno porte.

O período normal das chuvas vai de novembro a abril sendo os meses de fevereiro e março os que apresentam maior índice de pluviosidade. O clima é quente com temperatura variando de 18°C a 29°C, sendo que nos meses de agosto e setembro a temperatura oscila entre 13°C e 22°C, com mudanças bruscas e presença de frio.

A aldeia Ipegue nos últimos anos vem sofrendo grandes transformações no seu espaço físico e cultural. Há duas décadas e meia atrás, mais precisamente em 1987, quando eu, Anderson da Silva Gonçalves, autor principal deste trabalho, pertencente à etnia Terena, nascido em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, até então residente nessa cidade, filho de Demetrio Gonçalves pertencente ao grupo Terena da aldeia Ipegue, casado com Jelina da Silva Gonçalves, não-índia vinda do Paraná, tive que me mudar para a Aldeia Ipegue. A pedido de meu pai, minha família resolveu ir morar nessa aldeia. A princípio nos instalamos na casa dos meus avós paternos, pois ainda não tínhamos um lugar fixo na aldeia para morarmos. Somente após alguns meses de convivência com meus avós e alguns parentes, é que fomos morar num sítio retirado do centro da aldeia. Durante o tempo em que vivi na cidade, não tive a oportunidade de aprender a língua Terena e como meu pai não tinha com quem falar, pois minha mãe não é índia, eu e minhas duas irmãs não tivemos a oportunidade de praticar a língua Terena. Mas, ao chegar à aldeia, morando provisoriamente com meus avós, atualmente falecidos, pude então aprender e entender algumas palavras e frases em nosso idioma, como dizia minha falecida avó, pois nem ela nem meu avô se comunicavam em português, somente na língua Terena. Até então nessa época as pessoas, principalmente a mais idosas, se comunicava na língua Terena, dando a perceber e observar que a

geração jovem dessa época começa então a perder o seu costume em se comunicar no idioma da aldeia, realizando a comunicação somente na língua portuguesa. Muitos fatores influenciaram e ainda influenciam na mudança das tradições indígenas. O espaço físico da aldeia também sofreu grandes mudanças. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira no seu livro “Do índio ao bugre”, ao se referir à Aldeia Ipegue, afirma:

O estilo de Ipegue é o mesmo do de Bananal [aldeia vizinha], guardando naturalmente a proporção imposta pela tendência a uma mais rápida urbanização desta última. Conta com um núcleo central de 50 casas, além do posto (subposto, subordinado ao posto indígena Taunay), a escola e a igreja Católica. Na divisa com Bananal, isto é próximo ao córrego Ipegue, portanto junto a estrada que liga ambas as aldeias, encontramos 5 ranchos com seus respectivos roçados. Por outro lado a noroeste de Ipegue, nos limites da reserva, temos uma concentração de rancho, cerca de uma dezena, no lugar denominado “roças” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 79).

A descrição feita por Cardoso de Oliveira (1976) refere-se à estrutura da aldeia Ipegue nas décadas de 1920 e 1930. De duas décadas para cá, a aldeia apresenta constantes transformações. A moradia da população passou da tradicional casa feita de sapê para as casas feitas de madeira ou alvenaria. Em 1987 ainda se via muitas casas tradicionais na aldeia, eram raras as casas de alvenaria. Atualmente é totalmente oposto do que era antes, desde a moradia da população até o modo de viver. A Aldeia parece se resumir a um pequeno bairro de uma cidade. É importante citar que com o aumento de sua população, tem se tornado pequena. Por exemplo, quando Cardoso de Oliveira (1968) cita a “roça”, onde a população plantava seu alimento, hoje dá lugar a novas casas devido ao adensamento populacional. Luz elétrica e água encanada abastecem a população da Aldeia, com exceção de algumas famílias que se localizam um pouco mais distantes dessas redes distribuidoras.

A escola e o trabalho

Nessa década de 1980 a escola da aldeia tinha apenas o ensino primário (1º a 4º série) hoje 1º ao 5º ano. Os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) havia somente na Aldeia Bananal (aldeia vizinha), mais urbanizada e de localização mais centralizada em relação as demais. Com o aumento da população da Aldeia Ipegue, aumentou também o número de estudantes. Muitos de nós andávamos a pé por 4 km, até a escola da Aldeia Bananal, para estudar, por falta de recursos e transporte. Assim, em 1994, a pedido das lideranças da Aldeia Ipegue junto ao governo, foram construídas novas salas de aula na escola e implantado o ensino fundamental completo dentro da aldeia.

Atualmente já se tem o ensino médio na aldeia Bananal e na aldeia Lagoinha com transportes para alunos que vão estudar de outras aldeias. Entretanto, nem sempre foi assim. Até poucos anos atrás, quando os alunos terminavam o ensino fundamental, para continuarem os estudos tinham que migrar das aldeias para as cidades. Muitos por falta de recursos financeiros desistiam dos estudos e no caso dos jovens índios por não terem outra opção de trabalho começavam desde muito cedo a irem para as usinas de cana de açúcar.

Trabalho externo à Aldeia

Há muitas décadas os indígenas da Aldeia Ipegue, por necessidades de sobrevivência, vêm exercendo trabalhos externos. A mão de obra dos Terena aldeados em geral, no mercado de mão de obra regional, não se limita apenas ao corte de cana-de-açúcar. Na década de 1960, Roberto Cardoso Oliveira já afirmava que o extrativismo, a agricultura e a pecuária absorviam a força de trabalho indígena e que, além dessas alternativas, havia as empresas situadas próximas às reservas indígenas que usufruíam dessa força de trabalho: “As pequenas empresas, geralmente vizinhas à reserva e localizadas nas cidades ou povoações, têm usado, segundo sua peculiaridade produtiva, o braço Terena” (1968, p.56).

De acordo com o exposto acima é possível reconhecer que nem todos os trabalhadores rurais Terena encontram-se necessariamente do trabalho de corte da cana nas usinas. Existem trabalhadores que, além de cortadores de cana, também exercem alguma profissão nas fazendas vizinhas como peões, empreiteiros e condutores de gado em viagens (boiadeiros). Mas essa é uma questão em exceção de alguns trabalhadores que conseguem esses serviços e que têm essas especialidades geralmente os mais experientes. Essas atividades vinculadas ao trabalho com a pecuária, desenvolvidas nas propriedades rurais, geralmente têm caráter temporário.

Na pesquisa realizada junto aos indígenas da Aldeia Ipegue pode-se constatar: das 25 pessoas entrevistadas (homens jovens, trabalhadores no corte de cana-de-açúcar), 15 afirmaram ter outra profissão e 10 pessoas disseram que não têm nenhuma outra profissão além dessa de cortador de cana. Pode-se confirmar, também, através dessa pesquisa que a maioria dos trabalhadores do corte de cana-de-açúcar são jovens que tiveram alguma escolaridade, entretanto, poucos ultrapassaram o Ensino Fundamental. A idade média da população que trabalha no corte de cana de açúcar é de 29 anos, variando de 19 a 43 anos das 25 pessoas entrevistadas nessa pesquisa. Os dados levantados revelam que na Aldeia Ipegue, ao verificar o grau de escolaridade dos

trabalhadores do corte de cana, das 25 pessoas entrevistadas, 16 afirmaram não terem concluído o Ensino Fundamental, apenas 01 (uma) possui apenas o Ensino Fundamental completo e não iniciou o Ensino Médio, enquanto que 05 (cinco) pessoas terminaram o Ensino Médio, 02 (duas) não o concluíram e apenas 01 (uma) pessoa, no caso o autor principal deste trabalho, está cursando o Ensino Superior.

O futuro dos jovens indígenas da Aldeia Ipegue

Segundo Valter Netto, atual chefe do Posto Indígena da Aldeia Ipegue, opinando sobre o futuro dos jovens indígenas da aldeia, afirma: “É difícil a situação, o pensamento não dá expectativa de um bom futuro, os jovens deixam de estudar e se envolvem com bebedeiras, criando vários problemas.”

O relato expõe um quadro negativo apresentado pela aldeia. Outro dado preocupante registrado por VARGAS (2008), é o apontado por Azanha (2001), “é o fato de nessas reservas, os terena situados na faixa etária de 0-24 anos ultrapassam os 65% da população total.” Verifica-se então que, a população dessa aldeia é uma população muito jovem com um futuro bastante comprometedor em relação ao emprego, pois ainda Azanha (2001, *apud* VARGAS, 2008), destaca que dados levantados “são suficientes para admitir que não se vive da Reserva, mas na Reserva.” É nessa questão que entra a preocupação das atuais lideranças indígena em busca de soluções para esse problema: a insipiente oferta de emprego para os jovens indígenas. Pouco se vislumbra como alternativas de trabalho nas próprias comunidades. O caminho delineado aponta para a saída da “Reserva”, em busca de trabalho remunerado nas usinas de cana-de-açúcar, visando sua sobrevivência como cidadão na sociedade.

Referências

CARDOSO DE OLIVRIA, R. Do índio ao bugre : o processo de assimilação dos Terena. Rio de Janeiro: Ed. F. Alves, 1976.

VARGAS, I. A. Territorialidades e representações dos Terena da Terra Indígena Buriti (MS): possibilidades didático-pedagógicas. IN: SERPA, A. (Org) Espaços culturais: Vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008 (91-115)